

UM CURIOSO SYMPTOMA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Farto de assistir á lucta egoista dos homens, em que tudo se debate, menos os interesses capitaes do paiz, em que todas as vozes se ouvem, menos as da Justiça e da Razão,—Antonio Candido affasta-se d'essa ridicula politiquice dos partidos, indo esperar serenamente a hora em que Zé Povinho se decida a pôr um ponto final n'este can-can desenfreado, em que se lançaram... as gentes e mais as instituições!...

Questões pessoais



De cada vez que um humilde verme da terra deseja provar aos vermes do seu tempo, que ha outro verme da terra que está monopolizando situações que lhe não pertencem, honras que não merece, cargos para os quaes esse verme se não recommenda pela mais ligeira aptidão — berra-se nos cenáculos, nos gremios e outras tocas de Lisboa, contra a maldita sina portugueza da odiosa guerra das pessoas.

E isto tem-se repetido ultimamente, ácerca d'esta campanha da Exposição portugueza em Paris, — sendo alvo de todos os ataques dos infieis e dos herejes em materia de exposições, o nobre conselheiro e visconde, sr. João Chrisostomo Melicio.



Mas como querem os vermes meus iguaes, que se combata e destrua um principio, uma ideia, uma instituição, sem primeiro combater e destruir o individuo que usa e abusa d'esse principio, d'essa ideia, ou d'essa instituição?...

Logo: é fatal que tem de apparecer em todas as questões, que dependem unica e exclusivamente de pessoas, — a questão pessoal.

Não pensem agora os vermes mal intencionados, que eu desejaria, em nome da Arte e da Industria portuguezas, em nome da sua independencia e da sua liberdade, que ao nobre conselheiro e ao não menos nobre visconde, viesse a acontecer o mesmo que em 1793 aconteceu áquelle Luiz xvi, rei de França, que pagou



por um modo assaz doloroso, o monopolio que em quanto rei fizera das instituições do seu paiz...

Longe de mim semelhante ideia vermelha e homicida!

Eu quizera, pelo contrario, que nomeassem o nobre conselheiro e não menos nobre visconde de Melicio, para mais alguma coisa...

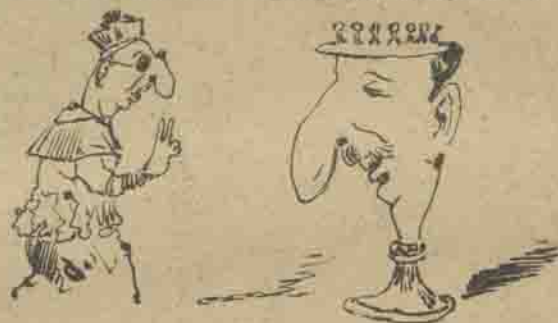
Que o fizessem membro do conselho d'Estado; que



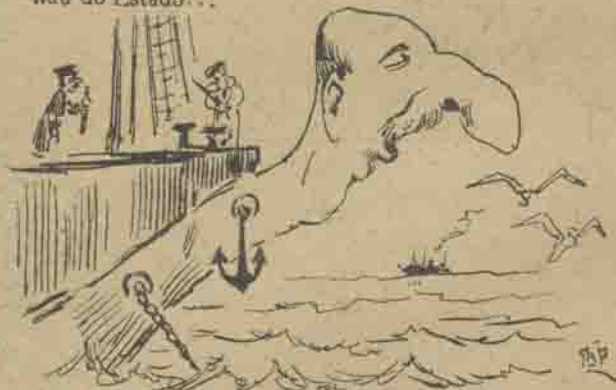
o fizessem duque parente; que o fizessem condestavel



de Portugal; que o fizessem patriarcha de Lisboa; que o fizessem urna onde se guardasse o coração de D. Pe-



dro IV; que a sua physionomia fosse impressa a côres em todas as colchas que fluctuam em dia de procissão, pelas janellas dos nossos conselheiros; que o seu busto, trabalhado em pau de laranjeira, fosse ornar a prôa da nau do Estado...



Eu quizera tudo para S. Ex.^a— todos os hymnos, todos os foguetes, todos os pallios, todos os incensos, e toda a areia encarnada dos dias de jubilo nacional...

Tudo— menos a direcção das nossas exposições no estrangeiro, ou a intervenção das suas ideias (?...) na Industria ou na Arte nacional.

Mas enquanto o nobre visconde tiver semelhantes pretensões, que o nobre visconde me perdôe a franqueza, e esta linguagem chã, de quem ignora a manufactura das boas e graves metaphoras— o nobre visconde ha-de-nos ter á perna!...

—Questão pessoal, odiosa questão de pessoas! dirão certos vermes mais meliciosos que o proprio sr. Melicio!...

Decerto. A questão pessoal é inevitavel, desde o momento que um individuo surge, fazendo monopolio de qualquer coisa que precisa, para o seu bom exito, da intelligente e sincera cooperação de muitos.

Quando amanhã quizermos discutir o estado da nossa Academia de Bellas-Artes, por quem havemos de co-



meçar senão pelas pessoas que lá se acham acocoradas, desmoralizando com a sua ignotancia, aquella escola do Estado?...

Quando amanhã quizermos discutir o estado do nosso Conservatorio, o estado dos nossos museus, o estado das nossas escolas, o estado dos nossos monumentos nacionaes—por onde começar, senão por discutir os actos dos individuos a quem estão confiados cargos de tamanha responsabilidade?...

×

Ninguém mandou—que eu saiba—prender o sr. visconde de Melicio para organizar a exposição portugueza em Paris! Pelo contrario,—foi s. ex.^a que sollicitou essa honra, que pediu para assumir tão graves responsabilidades.

Ora o nobre visconde teve a prodigiosa habilidade de produzir mais disparates em seis mezes, que artigos tem produzido nas columnas do *Commercio de Portugal*.

Como haviamos, pois, de discutir os seus actos, sem discutir a sua pessoa?...

Se nós viessemos ao mundo, para só vermos os nossos nomes engrinaldados de elogios,—então a vida não seria esse *eterno valle de lagrimas* de que fallam os livros sagrados.

E se por acaso o snr. visconde de Melicio tivesse *ideias*, nós discutiríamos apenas as suas *ideias*, e deixavamos em paz a sua *peessoa*...



Mas tal phenomeno ainda se não deu, até ao momento em que estamos traçando estas linhas)...

M. P.



Por ahí...



Um sol confortativo como os rebufados de Santa Cruz acaba de succeder-se ás aguadas providenciaes com que Aquarium benefico se dignou por alguns dias desinfectar-nos os corpos e as roupagens da pitada mal cheirosa que em todos nós havia posto o esquiço impertinente da bisnaga carnavalesca.

Festejemos o sol, que vem poupar-nos a lenha do fogão, como certamente a nossa lavadeira já festejou a chuva que veio poupar-lhe o esforço dos braços na barrella da roupa branca.

Um agradecimento a Phoebus no fundo da nossa alma; um voto de leuvar a Aquarium na acta das lavadeiras de Cançães.



Debaixo da arcada agglomerava-se ante-hontem uma quantidade de gente fóra do usual.

Accercámo-nos na esperança de acontecimento politico onde a nossa chronica esfomeada pudesse tirar o ventre de miscrias para meia duzia de paragraphos animados.

Mas a nossa chronica, a respeito de acontecimentos, ficou como o Succia, a respeito de meios bifes: em jejum natural!

Aquelle formigar de gente na arcada não queria dizer que estava para cahir o ministerio: queria dizer que estava para cahir uma corda d'agua.

A arcada não aceita distincções entre Jehovah e o sr. José Luciano: tolde-se o ceu de um ou tolde-se o ceu de outro e a arcada enche-se logo de gente.

A differença consiste apenas em que, quando enegrece o ceu de Deus, todos os que entram na arcada se contentam de apanhar um lugar devoluto no americano; ao passo que em enegrecendo o ceu do ministerio ninguém se satisfaz com menos d'um lugar de amanuense na repartição das contribuições directas!



O DIVERTIMENTO DA SEMANA



Melício, que não serviu para a Exposição de Paris, serviu ao menos para divertir o publico e alegrar as columnas dos jornaes.

Aqui lhe agradecemos tamanho serviço. Elle veio distrahir-nos das azêdas polemicas em que andavamos envolvidos. Elle veio provar-nos que a Imprensa está sempre d'accordo, quando se trata d'uma campanha justa... e alegre!

E toca a rir! e toca a folgar!...

OS DOIS CHEFES

DAS TRIBUS DOS MELÍCIOS E DOS PIMENTELOIDES



PIM, com voz de cana rachada. — Com que então, senhor conselheiro, também vosselencia?...
 MELÍCIO, com voz de trovão constipado. — Este paiz está perdido, meu caro collega! Nós, que tínhamos feito tudo...
 PIM. — Nós, que inspirávamos tudo...
 MELÍCIO. — Eu, que era a Arte e a Indústria!
 PIM. — Eu, que era a Sciencia e o Banho!
 Os dois, em duetto. — E agora, eis o pago de todos os nossos serviços!... De nada já nos servem, nem bilhetes de visita, nem os conselheiros das nossas relações! Ingrata patria! Desgraçado Portugal! *O tempora, o mores!*...

×
 D'esta feita, pois, todos se contentaram com o logarinho no americano, visto como das isobaras politicas não constava a mais pequena alteração na atmosphera ministerial.

O sr. Eduardo José Coelho, juiz de direito, continuava a julgar os actos dos engenheiros das obras publicas com a mesma proficiencia com que anteriormente julgava processos na Boa Hora, e o sr. Ressano Garcia, engenheiro, permanecia a tirocinar com os almirantes da marinha, afim de marinhar mais tarde até ao cesto de gavela de fazenda.

×
 A proposito do incidente levantado ahí por alguns jornaes, de que o sr. Ressano Garcia não podia exercer o alto cargo de ministro, por isso que s. ex.^a é de nacionalidade hespanhola, acabam de chegar-nos as seguintes informações, que temos por fidedignas:

Effectivamente o sr. Ressano Garcia, chamado á barra pelo sr. presidente do conselho e convidado a pôr em pratos limpos a sua certidão de baptismo, confessou de facto a sua andaluza nacionalidade, mas justificou ao mesmo tempo a sua estada nos conselhos da corôa por esta forma theor e rima:

Sabe o sr. muito bem
 — E quem tal não saberá? —
 Que de Hespanha é que nos vem,
 Muita coisa — boa e má. . .

Vem a niã provocante,
 Cujos olhos de fogo brilha,
 Vem as passas d'Alicante,
 O Xerez, a Manzanilla.

Vem côrtes de casimira
 E mais candonga bem posta,
 Vem canções onde se inspira
 O sr. Fernandes Costa.

Vindo assim coisas sem termo
 Fôra o mais que eu não registro,
 Que tem que venha o estafermo
 — Salvo seja — d'um ministro? . . .



Consta-nos de boa fonte, mas damos a noticia com toda a reserva, afim de não estorvamos a acção da justiça, que um dos mais sabios commissarios das divisões policiaes já anda na pista d'aquelles mysteriosos deputados e pares progressistas que enxamearam em volta do sr. presidente do conselho por occasião da ultima cisão ministerial, caso a que se referiu o sr. capitão Francisco Machado.

Morremos de anxiedade por conhecer pessoalmente os beziros que zumbiram em torno do cortiço do sr. José Luciano.



Não terminaremos esta chronica sem lavrar aqui um vehemente protesto contra a guerra acintosa travada ahí por toda a imprensa, em menoscabo do sr. visconde de Melicio.

Essa guerra dará talvez em resultado a exoneração de s. ex.^a de delegado por parte de Portugal na exposição de Paris, e só Deus sabe — Deus e o sr. Melicio! — o bofeu que isso vai acarretar aos nossos creditos no estrangeiro!

Uma vez exonorado, necessariamente o sr. Melicio deixará de apresentar no grande certame parisiense os varios artefactos nacionaes que só a s. ex.^a tinha lembrado expôr ali e que constituem por assim dizer o livro d'ouro da arte, da industria, da sciencia e da alta imaginação nacional.

Assim, teremos pois que a charada novissima, por exemplo, uma das nossas glórias patrias e que mais escusação devia produzir no estrangeiro, deixará de assombrar em Paris os povos da Europa, ao lado da grande torre Eiffel!!!

E isto quando o benemerito sr. Melicio já tinha atado a luz o seguinte producto charadistico destinado a grande exposição:

Charada novissima

«Esta cabrinha faz n'este livro o que os passarinhos tem na primavera e eu tenho no brazão. — 1 — 1 — 2.»
 Como se vê, nada de mais en_enhoso nem de mais cutita:

| | |
|---|---------|
| Esta cabrinha faz..... | Mé |
| N'este livro..... | li |
| O que os passarinhos tem na primavera cio | |
| E eu tenho no brazão (sonceto)..... | Melicio |

E hade este primor d'arte deixar de figurar na exposição?

— Seria desolador!

Ao menos, se não mandarem o Melicio, mandem a charada do Melicio. . .

Sempre se salva metade da honra do convento.

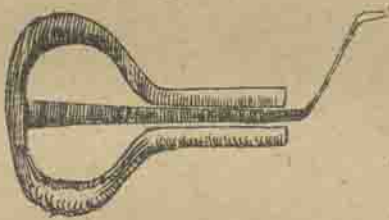


Synopse dos objectos de industria nacional que o visconde de Melicio tenciona apresentar na proxima exposiçào de Paris:

Uns versos do Jayme Zé,
— Que é o nosso Victor Hugo—
Um copo de capilé
E um boneco de sabugo.



Da Carta o famoso hymno,
Cinco ou seis bolas de sisco,
Uma perna do Justino
E um braço de S. Francisco.



O enterro do bacalhau,
Uma sopa de repolho,
E um soberbo berimbau
A dizer «pulga e piolho.»



Cinco reis de alcomonia,
Tremoços — p'lo menos dois —
E uma bella almotolia
De eixo de carro de bois.

Uma oração contra a tinha
— Das melhor's, deve suppor-se —
E um bolo-rei, com favinha
E passarinhos de alcorce.



Seis discursos macambusios
Do commendador Izidro,
Trinta cascatos de buzios
Sob redomãs de vidro.

Dois frascos de bandolina,
P'ra alisar gentis topetes,
Tres anneis de coralina
E as manas Perliquitetes.



Pinhões, formando rosarios,
Fôra o mais que se ha de ver,
Missangas, objectos varios...
Um quente e dois a ferver...

Por S. Francisco

Os Insubmissos

(REVISTA COIMBRÃ)

Um grupo de academicos, seguindo as antigas tradições coimbrãs, fundou uma revista critica, com este titulo, e que sae uma vez por semana.

Poesias e prosas curiosas, cheias de novidade e de irreverencia, como é proprio de rapazes que se querem fazer ouvir pela multidão indifferente. E uma interessante secção. — *De lança em riste* — onde os redactores dos *Insubmissos* passam o tempo a mostrar ao publico, onde é que certos poetas e certos prosadores vão respigar as ideias e as metaphoras com que ornarn suas mimosas produções.

Meus amigos! Ingrata tarefa... porque toda a gente respiga ou apropria. E seria cruel torturar os novos que o fazem, quando os celebres de todos os tempos tambem fizeram o mesmo. Não fallemos nos vivos, para não levantar questões; fallemos nos mortos. Onde foram buscar inspiração, e palmar assumptos para as suas tragedias, esses gloriosos que se chamam Racine e Corneille?...

Deixem em paz os que respigam!... Respigamos ou apropriemos, que não fazemos mais do que seguir os bons exemplos de todos os mestres e de todos os illustres, que nos precederam!...



No 14.º Dia do seu jejum em
PARIS

JEJUADOR



SUCCI DEPOIS DO JEJUM.

M. Augusto Bastião de Tím

De todos os países da Europa por onde Succi anda mostrando as suas habilidades — o único que não devia ter escolhido para semelhantes exhibições, era evidentemente Portugal. Porque Succi jejua trinta dias, mas ao cabo d'esse jejum voluntario, pode satisfazer os seus terriveis e vorazes appetites. Enquanto que os nossos professores de instrução primaria jejuam sempre, jejuam constantemente, — havendo exemplos, em algumas familias de professores, de jejuns consecutivos desde avós até netos !...